

## Breves notas sobre a morte e a literatura

### Brief notes on death and literature

Bernardo Bueno<sup>1</sup>

Na edição anterior da Scriptorium (Volume 5, número 1), o tema era Literatura e Morte. Escolhemos algo abrangente por acharmos que, dessa maneira, seria possível abarcar uma quantidade maior de estilos de escrita e abordagens teóricas e criativas. Não é surpresa alguma, portanto, que este tenha sido o tema que mais atraiu submissões de escritores, pesquisadores e escritores/pesquisadores. Afinal, a morte é um tema central da vida – e da literatura.

Eu me lembro bem de minha experiência ao ler *A morte de Ivan Ilitch*, de Tolstói, pela primeira vez. Era uma atribuição de leitura para um seminário conduzido pelo professor Luiz Antonio de Assis Brasil durante meus estudos de mestrado em Letras na PUCRS, quando a área de concentração em Escrita Criativa ainda não estava estabelecida, mas os alunos que seguiam Teoria da Literatura podiam, pela primeira vez (meu ingresso no programa se deu em 2006), apresentar um trabalho final híbrido, mesclando um estudo teórico com a criação literária.

O seminário do professor Assis era construído a partir da leitura e discussão de novelas – uma por semana. É óbvio que eu já lera obras que tratavam da morte, que discutiam a morte, onde personagens morriam e até voltavam à vida. Mas *A morte de Ivan Ilitch* me afetou de uma maneira completamente diferente: próxima, visceral.

É impossível dizer como tudo aconteceu, porque deu-se aos poucos, passo a passo, imperceptivelmente, mas no terceiro mês da doença de Ivan Ilitch, sua esposa, sua filha, seu filho, os empregados, os conhecidos, os médicos e acima de tudo ele próprio tinham consciência de que toda a consideração que ele podia ter pelas outras pessoas concentrava-se em um único ponto: quando ele afinal partiria e libertaria finalmente os vivos do constrangimento de sua presença e a si próprio de seu sofrimento (TOLSTÓI, 2002, p.73).

Eu terminei a novela com um nó no estômago, com a sensação de que eu tinha morrido junto com Ivan. Eu tinha só vinte e cinco anos, e minha experiência anterior com a morte tinha sido com o falecimento de meu avô quando eu tinha oito, e de minha bisavó, quando eu tinha seis. A leitura de Tolstói me fez entender um pouco melhor o alcance da experiência literária: não apenas pela empatia (se fosse eu, também estaria constrangido pela perda da dignidade e pela dor imposta aos familiares), mas pela sensação, ou a quase certeza de que, em algum momento de minha vida futura, eu passaria por algo parecido. Essa sensação, ou quase certeza, me assombra ainda hoje, mesmo depois de sua confirmação.

Se o universo é cheio de mistérios (alguns dos meus preferidos: como é possível que a densidade

<sup>1</sup> PUCRS, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil



de um buraco negro seja infinita, por que o universo é tão grande e estamos tão sozinhos, por que a experiência musical se assemelha a uma experiência religiosa, como dizer o indizível, como é possível que o ser humano possa criar tanta arte e odiar tanto ao mesmo tempo), a morte é, talvez, o maior mistério de todos, e daí vem a inspiração para a criação literária. A morte é o preço máximo a se pagar; o risco máximo que uma personagem corre; uma ameaça constante, um medo, o início de um processo, uma surpresa. Ela está presente nos clássicos e nos contemporâneos, na ficção realista e na fantástica, nos épicos e na poesia. A morte é inescapável.

Segundo Freud (2010, p. 360-361):

Para muitas pessoas é extremamente inquietante tudo que se relaciona com a morte, com cadáveres e com o retorno dos mortos. [...] Mas em nenhum outro âmbito nossos pensamentos e sentimentos mudaram tão pouco desde os primórdios, o arcaico foi tão bem preservado sob uma fina película, como em nossa relação com a morte. Dois fatores contribuem para essa imobilidade: a força de nossas reações emotivas originais e a incerteza de nosso conhecimento científico. Nossa biologia ainda não pôde decidir se a morte é o destino necessário de todo ser vivo ou apenas um acidente regular, mas talvez evitável, dentro da vida.

Seria uma tarefa impossível listar todas as situações em que a morte apareceu na literatura, mas publicar uma segunda edição da Scriptorium com este tema é a nossa tentativa de explorar suas possibilidades criativas e teóricas. Um consolo: se não há possibilidade de escapar da morte, nos resta tentar entendê-la, encontrar nela beleza e sentido.

[...] Mas a morte não é facilmente evitada por qualquer um:

Todos nós com almas, habitantes da terra e filhos dos homens, precisamos trilhar o caminho para um destino já traçado [...]

Beowulf (2001, p.67, tradução nossa)

## Referências

FREUD, Sigmund. **Obras completas - Volume 14:** História de uma neurose infantil -“O homem dos lobos”, Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras. 2010.

HEANEY, Seamus. **Beowulf: a new verse translation.** Nova York e Londres: WW Norton & Company, 2001.

TOLSTÓI, Leon. **A morte de Ivan Ilitch.** Trad. Vera Karam. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2002.

### Bernardo José de Moraes Bueno

Editor da Scriptorium. Professor do Programa de Pós-graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). *PhD em Creative and Critical Writing* (University of East Anglia), Mestre em Letras – Teoria da Literatura com ênfase em Escrita Criativa (PUCRS).

**Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-5334-7604>

**E-mail:** [bernardo.bueno@pucrs.br](mailto:bernardo.bueno@pucrs.br)

**Endereço Correspondente:** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Av. Ipiranga, Partenon, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 90619-900.